

**PROJETO DE PESQUISA**

**Proponente: Leosan Sampaio Passos**

**A CARTOGRAFIA CRÍTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA PERSPECTIVA  
PEDAGÓGICA PARA A SALA DE AULA**

**SÃO LUÍS, MA**  
Novembro de 2018.

## PROJETO DE PESQUISA

Proponente: **Leosan Sampaio Passos**

### **A CARTOGRAFIA CRÍTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA PARA A SALA DE AULA**

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, com fim de apreciação e aprovação pela banca examinadora da seleção do Mestrado Profissional em História, na Linha de Pesquisa: Historiografias e Linguagens.

SÃO LUÍS, MA  
Novembro de 2018.

## JUSTIFICATIVA

Em 2014 me aproximei do estudo da cartografia ao me tornar bolsista de Iniciação Científica no projeto “Mapas da Expedição Castelnau”, levado a cabo pelo grupo de pesquisa História, Arte Ciência e Poder – HISARCIPO (UFMT – CNPQ); condição que permaneci durante quase três anos. Nesse tempo, sob a orientação da profa. Maria de Fátima Costa e junto com a equipe de investigadores e bolsistas, desenvolvi um estudo em torno dos mapas que o viajante Francis de Castelnau (1810-1880), publicou no pequeno atlas que deu o título de *Géographie des parties centrales de l'Amérique du Sud, et particulièrement de l'Équateur au Tropique du Capricorne* (Paris, 1854). Trata-se de um dos resultados da viagem que a expedição naturalista francesa realizada entre 1843 – 1847. Sob o comando de Castelnau esta empresa científica visitou o interior da América Meridional, mais precisamente, partes do Brasil, da Bolívia e do Peru. Nessa pesquisa coube-me especificamente o estudo de um dos mapas publicado na *Géographie*, a “Carte des sources du Paraguay, de l' Arinos et du rio Cuiabá, indiquant les diamantifères de Matto-Grosso”, que se configurou como um processo de intensa pesquisa e aprendizagem acerca dos ensinamentos da cartografia crítica, que impulsionaram esta pesquisa.

As inquietações no decorrer dos trabalhos me fizeram ressignificar a ideia que tinha sobre a cartografia e os seus usos. Seguindo o pensamento de John Brian Harley (1932 – 1991), passei a ver os mapas como um texto visual passível de leitura. E, partindo de uma visão crítica sobre a leitura de imagens, das imagens cartográficas propriamente, comecei a ter claro como as cartas geográficas refletem as relações de poder e os interesses de grupos e indivíduos.

Ao concluir a pesquisa e com o conhecimento que esta me proporcionou, como acadêmico de um curso de licenciatura, busquei concentrar e dirigir o olhar para as atividades de professor, e elegi como tema para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, a abordagem crítica de mapas no cotidiano da sala de aula. A ideia foi a de buscar compreender em que medida as aulas de História, no ensino da educação básica, permitem romper preconceitos e possibilitam adentrar no mundo do simbólico contido nas imagens, no caso as imagens mapográficas, que acompanham o conteúdo textual nos livros didáticos.

E assim o fiz, elaborando e defendendo, em março de 2018 o Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História e que teve como título “ Mapas nos Livros Didáticos de História”. A análise realizada nesse estudo, foi buscar identificar como os mapas estão sendo apresentados no livro didático de História, aprovado pelo Plano Nacional do Livro Didático - PNLD 2015 e estava sendo utilizado no ensino médio em 2017 na rede pública de ensino na

cidade de Cuiabá. Na investigação percebemos que conforme as unidades iam apresentando os capítulos e temas de cada item do capítulo, iam surgindo mapas para demonstrar qual região, cultura, período histórico, povoações, que estava sendo abordado naquele momento, podemos perceber que os textos e os exercícios apresentados para discutir e construir uma percepção histórica não relacionava, não cobrava e não apresentava para o aluno e nem ao professor uma indicação de uso para aprofundar nos temas, tendo os mapas como fonte e recurso didático que naquele momento estava sendo apresentado pelo livro didático. Esses, estavam apenas para ilustração ou preenchimento de espaço nas páginas.

É certo que os Parâmetros Curriculares Nacionais de História apresentam uma visão relativamente moderna do ensino de História, mas isso não é a garantia que ela se reflita no dia-a-dia da sala de aula das escolas públicas. Para além dos documentos oficiais, há a realidade conhecida da precarização da educação e da pouca valorização na formação de professores. Como consequência, deparamo-nos com uma situação em que muitas vezes, o único recurso de que o professor pode dispor para o desenvolvimento de suas aulas é o livro didático.

Dada a essa realidade e com a visão sobre o uso da cartografia crítica, busquei congrega para a realização desse projeto a linha de pesquisa Hitoriografias, Linguagens e Ensino, que em consonância com a ementa que esta apresenta realizar uma investigação propositiva e que possa contribuir para saber histórico do aluno.

A cartografia crítica é uma ciência agregadora que corrobora para a proposta de novas práticas de ensino, com ela surge a interdisciplinaridade e o conjunto de novas fontes que serão potencializadoras da relação de ensino-aprendizagem, e as cartas geográficas podem funcionar como elemento motivador para o desenvolvimento das atividades em sala de aula e assim realizar significativa contribuição com o exercício profissional do ensino de História.

Movido pela inquietação das possibilidades pedagógicas que os mapas oferecem para serem trabalhados, além do ensino de História, pretende-se construir e discutir elementos que venham a auxiliar na formação do sujeito histórico, que reconhece e questiona o espaço físico e as relações sociais, comerciais e culturais que se estabeleceram, tendo como objeto analítico o estabelecimento dessas questões no desenho cartográfico, e como está agora apresentado nos novos suportes mapográficos.

E para esse projeto o uso do mapa é o condutor de toda pesquisa, pretendendo ir além das atribuições colocadas nos livros, a investigação visa buscar propostas pedagógicas de aprendizagem que questionem o conteúdo dos mapas. E, através das orientações teóricas, propor debates e oficinas em sala de aula, ações interativas para o manuseio e construção do conhecimento da cartografia histórica. Neste sentido, o aluno estará apto a reconhecer

localidades, apontar e discutir o período histórico, contribuir para os ensinamentos da Biologia, da Sociologia e da Antropologia através das informações apresentadas no desenho cartográfico e que podem ser lidos e compreendidos de diversas formas, sempre norteado por uma postura crítica. Em outras palavras, o mapa não está para o ensino de História apenas como um suporte que localiza os locais onde os fatos ocorreram, mas, também, contém informações sociais, políticas, antropológicas, etc.

Portanto, a pesquisa que aqui se propõe, pretende investigar e desenvolver procedimentos que podem ajudar no desenvolvimento de trabalhos com mapas na aula de História. Trabalhar-se-á com os profissionais do ensino de História, preferencialmente os que atuam no ensino público, buscando verificar qual é o livro didático utilizado na turma, estabelecer um diagnóstico temático das necessidades encontradas e construir estratégias coletivas para a ressignificação do uso do mapa na sala de aula.

Pretende-se desenvolver essa atividade/ação nas práticas pedagógicas das aulas de História sempre relacionando e trazendo para as discussões outras áreas do conhecimento, proporcionando, assim, troca de saberes e aprofundamentos teóricos tendo o mapa como fonte e sua leitura crítica. Com isso, visando estabelecer uma relação com o real e, através desta, proporcionar uma reflexão contextualizada da sala de aula, nesta proposta a pesquisa deverá proceder o estudo e interpretação da realidade educacional através de atividades relativas à docência em espaços escolares. Deste modo, após estabelecer as relações formais com a instituição de ensino será apresentado um plano de ação que tem como procedimentos norteadores:

- I- Identificar e realizar um fichamento dos mapas contidos nos livros didáticos;
- II- Estudar e contextualizar os mapas no seu período sócio-histórico de elaboração;
- III- Estudar as conveções, símbolos e silenciamentos de povos e regiões contidos na carta.

Esses são alguns procedimentos que podem nortear inicialmente um trabalho de levantamento de dados e aproximação do mapa como elemento motivador de debate, outras definições podem e devem surgir com a participação e diálogo com os envolvidos no projeto.

Esses procedimentos de ensino-aprendizagem não podem ser dissociados da ação dialógica, uma vez que é ela quem definirá os rumos da construção do conhecimento e a maneira como os alunos se aproximam do tema devemos observar e levar em consideração todas as formas de participação desenvolvidas pelos mesmos, para maior envolvimento e interação nas ações futuras do projeto.

## REFERENCIAL TEÓRICO

No campo da teoria social, a cartografia é uma linguagem em que o mapa se constitui a representação textual, entretanto, ao longo do tempo, a sua concepção passa por formas e objetivos diferentes. Os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam essa pesquisa estão inseridos no campo da Cartografia Crítica, vertente que analisa o mapa como documento histórico, sociológico e cultural. Valemo-nos de alguns estudos de John Brian Harley (1932-1991), contidos no livro que, em tradução ao castelhano, recebeu o título de *La nueva naturaleza de los mapas. Ensayos sobre la historia de la cartografía* (2005). Nele, interessou-nos sobretudo os capítulos: *Mapas, conocimiento y poder* e *Hacia una desconstrucción del mapa*, por discutirem questões sobre a leitura do mapa em um contexto amplo. E também por mostrar como a análise crítica pode contribuir para o pesquisador nas investigações que têm os mapas como objeto.

O caminho apontado pelo autor - e que vem sendo utilizado na investigação que desenvolvemos para este trabalho -, é o da metodologia interdisciplinar, fazendo uso de conhecimentos de outras ciências, que levam à desconstrução das informações contidas nos mapas, nas palavras de Harley:

Las estrategias, de desconstrucción ahora se encuentran no sólo en la filosofía, sino también en otras disciplinas, especialmente en la literatura, y en tema como la arquitectura, la planeación y, más recientemente, la geografía (HARLEY, 2005, p.187).

John Brian Harley (2005) ensina que - para ser compreendida -, uma carta geográfica deve ser lida em amplos aspectos, tanto geográfico como políticos e administrativos, como os culturais, históricos e antropológicos, entre outros. O pesquisador precisa desconstruir os códigos contidos nas cartas, compreender os símbolos e imagens que estão representados no seu desenho.

A cartografia crítica nos dá procedimentos metodológicos de análise para os mapas, enquanto objetos culturais. Devem-se perceber que os mapas e seus aprimoramentos são frutos da necessidade que o ser humano tem em expor de forma ilustrativa as suas relações sociais e contato com outras culturas.

Os mapas, de qualquer cultura, são formas de saber socialmente construído; portanto, uma forma manipulada desse saber. São imagens carregadas de julgamentos de valor. Não há nada de inerente e passivo em seus registros (HARLEY, 1988, 91).

Seguindo a vereda aberta por J. B. Harley (2005), a autora Inmaculada López Vílchez, no artigo *Imagen del poder* reflete e discute as representações e as intencionalidades das imagens cartográficas, mostrando como esta - a intencionalidade - está embutida no desenho e em especial nos mapas (LÓPEZ VÍLCHEZ, 2015, p. 238). Para compreender todo o recurso técnico que foi aplicado nas feitura de mapas, se fez necessário, também, entender as figuras, as legendas e os símbolos que estão representados no interior do desenho mapográfico, até mesmo as suas medições, as escalas e referências utilizadas. Isto porque, sabendo distinguir e ler cada sinal empregado, maior será a compreensão sobre o objeto estudado.

Uma das principais características de produção cultural do mapa é a representação do território que possibilita o entendimento de povos, costumes e culturas, se utilizamos apenas esses conceitos já assente da maneira correta e metodologicamente guiada, iniciáramos um debate de formação da sociedade: comportamentos, normas, leis e costumes tudo poderia ser feito com um mapa em atividade com os alunos do ensino regular, utilizando dos conceitos da cartografia crítica para maior dimensão do conhecimento historiográfico dos estudantes. O estudo cartográfico não é algo tão presente durante o processo de formação do professor de História o seu contato pode ocorrer já em campo de trabalho, quando este profissional vai preparar suas aulas com o material que está presente no cotidiano da sala de aula, que é o livro didático.

Os livros didáticos estão presentes como importante instrumento de ensino no cotidiano da vida escolar em todo o mundo há pelo menos dois séculos. Sua interação na vida acadêmica do aluno está relacionada com a escolha que o professor faz para sua utilização no plano de aula. O uso do livro didático é algo reconhecidamente utilizado em estabelecimentos de ensino no globo terrestre todo. A tese defendida na Universidade de São Paulo em 1993, pela professora Circe Maria Fernandes Bittencourt, *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar* foi fundamental para poder iniciar o debate dos manuais de ensino e os seus conteúdos. Professora licenciada e bacharel em História, Circe Bittencourt ministrou aulas no Ensino Fundamental e Médio, antes de se tornar mestre e doutora em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Universidade na qual depois passou a atuar como professora e pesquisadora. Suas investigações elegeram como objeto temas

relacionados à história dos currículos, do livro didático e do ensino de História. Para Bittencourt, o livro didático é um “objeto cultural de difícil definição” e pelo fato de que todos, uma vez ou outra, o ter manuseando, fica fácil distinguir a sua relação de uso e consumo, o que o diferencia das demais literaturas (BITTENCOURT, 2008, p. 301).

Tal como Bittencourt, Jörn Rüsen também estuda a função dos livros didáticos, e o artigo que publicou com o título de *Livro Didático ideal* (RÜSEN, 1997) oferece caminhos metodológicos para compreender o conhecimento contido nesses livros. Partindo do campo de suas pesquisas, ambos os autores apresentam propostas de análise aos pesquisadores que se enveredam a pesquisar o Ensino de História, ao mesmo tempo em que apontam trajetórias que os professores podem trilhar para aproveitar as imagens contidas nos manuais didáticos para desenvolver a percepção histórica dos alunos. Segundo Rüsen, a leitura crítica das imagens que estão inseridas nos livros, com métodos apropriados colaboram para a construção e interpretação do pensamento histórico.

As imagens têm aqui uma função muito importante. Durante muito tempo foram usadas somente para fins de ilustração, porém na produção mais recente de livros didáticos alcançaram uma importância crescente e uma autonomia em relação ao texto. Consequentemente, não devem ter a mera função de ilustração, mas constituir a fonte de uma experiência histórica genuína: devem admitir e estimular interpretações, possibilitar comparações, mas sobretudo fazer compreender aos alunos e alunas a singularidade da estranheza e o diferente do passado em comparação com a experiência do presente, e apresentar o desafio de uma compreensão interpretativa. (RÜSEN, 2010, p.120).

Os mapas, assim como reproduções de pinturas, desenhos, gravuras e esculturas fazem parte do conjunto de imagens que compõem o manual didático desde meados do século XIX. Com o passar dos anos, o uso de outras formas de linguagem visual foram incorporadas aos materiais didáticos como recortes de jornais, placas de outdoor, fotos e filmes que vêm se tornando fonte para o ensino na sala de aula.

A reflexão sobre as diversas ilustrações dos livros didáticos impõe-se como uma questão importante no ensino das disciplinas escolares pelo papel que elas têm desempenhado no processo pedagógico, surgindo indagações quando se aprofundam as análises educacionais. Como são realizadas as leituras de imagens nos livros didáticos? As imagens complementam os textos dos livros ou servem apenas como ilustrações que visam tornar as páginas mais atrativas para os jovens leitores? (BITTENCOURT, 1997, p.70).

Entretanto, essas indagações parecem não alcançar a cartografia contida nos livros didáticos, mas sabemos, mapas são imagens que carregam em si um poderoso conteúdo de poder e dominação, pois não representam apenas a configuração espacial de um território. Tratam-se de objetos culturais que carregam no seu recorte e desenho signos preñes de significados, elaborados, quase sempre, para responder a uma lógica institucional.



O professor pode usar o conteúdo da cartografia crítica como um conjunto de ações conscientes que deve ser compreendido para além das convenções cartesianas postas nos mapas, oportunizando ao aluno que o manuseie um melhor entendimento. Mesmo não tendo formação específica na ciência da cartografia, o conhecimento não está alheio para o profissional de História que aprofunda suas pesquisas em outras áreas, acessando outras fontes e ampliando assim o seu conhecimento e arcabouço teórico, isso por si só já é um processo de interdisciplinaridade que poderia ser colocado em ensinamento para os alunos, com o objetivo de alargar suas percepções de análises.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) fazem apontamentos favoráveis na introdução de novas linguagens para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, como o cinema, a música, a literatura, os *games*, e as histórias em quadrinhos que são fontes colaborativas para o conteúdo que será trabalhado em sala de aula.

O uso do tema gerador de Paulo Freire como contribuição para as práticas metodológicas, sugere uma ação transformadora, emancipatória de maneira contextualizada e interdisciplinar, essa estratégia pedagógica auxilia na prática do docente, promovendo uma aprendizagem significativa que favorece o aluno no desenvolvimento crítico promovendo assim, uma consciência histórica.

Essa investigação implica, necessariamente, numa metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja conscientizadora também proporcione, ao mesmo tempo a apreensão dos “temas geradores” e a tomada da consciência dos indivíduos em torna da mesma. Esta é razão pela qual ( em coerência ainda com a finalidade libertadora da educação dialógica) não se tratar de ter nos homens o objeto da investigação, de que os investigadores seria o sujeito. O que se pretende investigar, realmente não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus “temas geradores” (FREIRE, 1987, p.50).

Por meio da educação e do ensino libertador, através do qual o aluno desenvolve junto com professor uma educação participativa, que capacita o aluno na transformação do meio social onde vive. Desenvolvendo nele uma capacidade de leitura, ampliando seus horizontes. A incorporação da proposta pedagógica de Paulo Freire (1997) para esse trabalho, visa aproximar, analisar, possibilitar, através de estudos e buscas metodológicas mais profundas, um entrelaçamento de ensino histórico entre a cartografia crítica para análises dos mapas nas aulas de História utilizando as práticas pedagógicas propostas pelo temas.

Busca-se, assim, um ensinamento mais contextualizado e a capacidade de desenvolver essa práticas com as atividades cartográficas nas salas de aulas. Para aplicabilidade dessa atividade/ação, precisará contar com a disponibilidade e envolvimento do maior número de

professores das outras áreas do ensino. A ideia da atividade/ação visa possibilitar um ensino de leitura e uso do mapa, além das referências cartesianas e das convenções, é a socialização do conhecimento científico, cultural, político e social envolvido na elaboração da representação, desenvolver capacidade de leituras que reconheçam a dominação dos discursos impostos no desenho cartográfico e a ausência de informação, silenciamento proposital.

## **OBJETIVO GERAL**

Investigar a utilização de mapas no ensino de história tendo como suporte a Cartografia Crítica.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- I) Discutir as contribuições da cartografia crítica para o Ensino de História;
- II) Discorrer sobre a literatura de práticas interdisciplinares e tema gerador em Paulo Freire;
- III) Analisar propostas de intervenção didático pedagógica baseada no uso de mapas no Ensino de História;
- IV) Realizar uma prática didática com o uso de mapas em uma escola da rede pública de ensino.

## **METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, faz-se necessário o acompanhamento *in loco* em uma escola de ensino público, preferencialmente do ensino médio da rede estadual, com o objetivo de colaborar com o conhecimento adquirido do aluno, sua percepção e apreensão, podendo servir como explanações temáticas que possam de maneira significativa contribuir na aplicação dos conhecimentos interdisciplinares que ampliem a visão crítica dos estudantes sobre os processos históricos.

Inicialmente pretende-se trabalhar com os profissionais de História atuantes no ano letivo, com objetivo de alcançar o maior número de outras áreas do conhecimento pertencente ao quadro efetivo da escola objeto. Com a finalidade de desenvolver aulas oficinas guiadas com mapas e referências teóricas que estimulem o potencial de absorção e prática do conhecimento. Depois dos estudos desenvolvidos em sala de aula, pode-se incluir na atividade,

uma prática de conhecimento e reconhecimento da região, do bairro, das vilas ou das sociedades onde se vive.

Dentro da perspectiva de ensino e das reformas curriculares que ocorreram no ensino da História, possibilidades de estudos foram ampliadas com a finalidade de tornar o estudo do passado mais próximo do presente com possibilidade de aprendizagem para ressignificação do meio social. Como afirma Rüsen (2006,p12.) que com as constantes reformas curriculares e a educação do ensino de História foi ganhando novas formas de abordagem da disciplina “Ela acompanhou a transformação da história de uma disciplina hermenêutica e historicista para uma ciência social histórica”. A nova concepção de ensinar História ajudou na disciplina de didática da História para o ensinamento e explicação mais aprofundadas e contextualizadas dos conteúdos trabalhados na sala de aula, completa o autor:

A didática da história juntou os assuntos orientados pela prática sobre ensino e aprendizagem em sala de aula com uma percepção teórica dos processos e funções da consciência histórica em geral. Dadas estas orientações, as perspectivas da didática da história foram grandemente expandidas, indo além de considerar apenas os problemas de ensino e aprendizado na escola. A didática da história agora analisa todas as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora diversos campos onde os historiadores equipados com essa visão podem trabalhar. (RÜSEN, 2006. p 12).

O professor deve oportunizar um espaço de saber construtivo que possa despertar a consciência histórica do aluno, com esse ensinamento, buscando novas possibilidades para o processo de ensino aprendizagem, levando o aluno a despontar da inércia social para uma posição ativa socialmente, em que ele se veja como protagonista do seu meio, como um agente transformador. Esse empoderamento pode ser impulsionado pelo ensino histórico com a leitura e contextualização do mapa, fonte de ensino, com pressupostos metodologicamente guiados e assim conduzir o aluno para o reconhecimento do sujeito histórico que o qualifica dentro de um tempo e espaço, auxiliando na decodificação e compreensão dos símbolos, signos, costumes e comportamentos sociais.

Na promoção do projeto dentro da rotina escolar, indicam-se novos procedimentos de ensino, que possibilitam a maior participação e interação das outras áreas do conhecimento, indicação de intervenção para a leitura e uso do mapa na sala de aula são apontadas para integração maior da atividade/ação.

Munidos dos conhecimentos das ações desenvolvidas no primeiro momento, acima relacionados, novos procedimentos podem ser incorporados na prática do ensino com mapas:

- Reunir com os professores das áreas envolvidas e definir quais mapas podem ser utilizados;
- Eleger as áreas do conhecimento que podem ser trabalhadas nos mapas;
- Elencar perguntas para serem respondidas pelas áreas envolvidas.

Na medida em que o aluno e professor vão adquirindo maior familiaridade com os mapas trabalhados, inquirindo-os de diversas formas, isso contribui na hora de dar as respostas para os procedimentos tomados.

O processo de pesquisa que será desenvolvido para preencher todos os procedimentos do projeto vão auxiliar na compreensão histórica, social e cultural da carta além de uma contextualização do ensino. O estudo das localidades: cidades, vilas, povoados, territórios indígenas e quilombolas que surgem no mapa, já apontam para uma área do conhecimento como História, Geografia.

Nas partes hidrográficas que surgem no desenho pode ser observada a relação da cidade com o rio, diversidade da fauna e flora terrestre e aquática, podendo buscar auxílio junto com a biologia e a química. O estudo das origens dos nomes, o significado semântico, escolha e mudanças da toponímia contribuem para o conhecimento linguístico, histórico e social do local nomeado, atividade pedagógica que pode ser compartilhada com as áreas das linguagens, sociologia e antropologia. São práticas compartilhadas de ensinamento que colaboram para a construção do conhecimento do aluno, favorecendo cada vez mais na formação social e consciente do sujeito histórico.

No desenvolvimento da proposta interdisciplinar com o uso do mapa, a escolha do mapa pode influenciar sobremaneira na apreensão do conteúdo, absorção do conhecimento. Mapas históricos ou regionais com poder maior de interação ampliam as perspectivas de assuntos para serem extraídos trazendo novos temas geradores para a dialética do ensino histórico na sala de aula.

Na medida em que as codificações (pintadas ou fotografadas e, em certos casos, preferencialmente fotografadas) são o *objeto* que, mediatizando os sujeitos decodificadores, se dá à sua análise crítica, sua preparação deve obedecer a certos princípios que são apenas os que norteiam a confecção das puras ajudas visuais. Uma primeira condição a ser cumprida é que, necessariamente, devem representar situações conhecidas pelos indivíduos cuja temática se busca, o que as faz reconhecíveis por eles, possibilitando, desta forma, que nelas se reconheçam. [...] Na medida em que representam situações existenciais, as codificações devem ser simples na sua complexidade e oferecer possibilidades plurais de análises na sua decodificação, o que evita o dirigismo massificador da codificação propagandística. [...] As codificações não são *slogans*, são objetos cognoscíveis, desafios sobre que deve incidir a



## Ano 2020

Atividades \ Meses	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Estudo e seleção da escola para aplicação do projeto interdisciplinar com a leitura e uso do mapas;	x	x								
Projeto de intervenção com uso de mapas numa perspectiva interdisciplinar in loco;			x	x	X	X				
Avaliação das ações e rodas de conversas; fechamento do projeto in loco.							X	x		
Defesa									x	

Toda atividade de pesquisa científica que é realizada com a participação e envolvimento da sociedade e tendo essa como objeto, os resultados alcançados com a investigação deve ser apresentado para os colaboradores da ação. Este projeto de pesquisa visa apresentar os ganhos alcançados no desenvolvimento da investigação, demonstrando para toda a equipe pedagógica da escola os ganhos obtidos com as ações interativas, realização de feiras, atividades de produção textual e outras podem ser pensadas para buscar novas perspectivas para a prática pedagógica que se pretende fazer. Além dos estudos teóricos que serão desenvolvidos para enriquecer o debate desse projeto, a aplicação da proposta de intervenção com a cartografia crítica no ensino de História pretende oportunizar ao aluno um interesse pelas aulas que terão os mapas como atividades e também visa municiar os professores no preparo das suas aulas, tendo as imagens mapográficas como fonte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2011.

BARCA, Isabel. “Aula Oficina: do Projeto à avaliação”. In: **Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga, Universidade de Minho, 2004, p.131-144.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. “Livros didáticos entre textos e imagens”. In: **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 9ª edição 2004, p.69-90.

\_\_\_\_\_. “Livros e materiais didáticos de História”. In: **Ensino da História: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2ª edição, 2008, p. 295-323.

BOURGUET, Marie-Noelle. “O Explorador”. In: VOVELLE, Michel (Org.). **O Homem do Iluminismo**. Tradução. Lisboa: Presença, 1997, p. 201-249.

CHOPPIN, Alain. “O historiador e o livro escolar”. In: **História da Educação**. Pelotas: ASPHE/FaE/UFPel, v.11, 2002, p.05-24.

\_\_\_\_\_. “Políticas dos livros escolares no mundo: perspectiva comparativa e histórica”. In: **História da Educação**. Pelotas: ASPHE/FaE/UFPel, v.12, 2008, p. 09-28.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. “Desafios do Ensino de História”. **Estufos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 21, n.41, 2008, p. 79-83.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GUEDES, Max Justo. **A cartografia antes da imprensa e do Brasil**. A cartografia impressa do Brasil: 1506-1922: os 100 mapas mais influentes. Rio de Janeiro: Capivara, 2012. p.13-23.

HARLEY, J. B. “Hacia una deconstrucción”. In: **La nueva naturaleza de los mapas**. Ensayos sobre la historia de la cartografía. Tradução. México-DF: Fondo de Cultura Económica, 2005, p. 185-207.

HARLEY, J. B. “Mapas, conocimiento y poder”. In: **La nueva naturaleza de los mapas**. Ensayos sobre la historia de la cartografía. Tradução. México-DF: Fondo de Cultura Económica, 2005, p. 79-112.

HARLEY, J. B. **La nueva naturaleza de los mapas**. Ensayos sobre la historia de la cartografía. Tradução. México-DF: Fondo de Cultura Económica, 2005.

LÉTOURNEAU, Jocelyn. “Como analisar e comentar um mapa antigo”. In: **Ferramentas para o pesquisador iniciantes**. Tradução. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p.155-172.

MAGALHÃES, Marcelo de Souza. “Apontamentos para pensar o ensino de História hoje: reformas curriculares, Ensino Médio e Formação de professores”. In: **Tempo**, v. 11, n. 21, 2006, p.49-64

MAGALHÃES, Olga. “ A escolha de recursos na aula de História. **Educar em Revista**. UFPR – Curitiba, 2006, p.113-130.

PASSOS, Leosan Sampaio. **Mapas nos Livros Didáticos de História - Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura de História**. Departamento de História/UFMT, Cuiabá, 2018.

RÜSEN, Jörn. “O livro didático ideal” In: **Iber Didáctica de las ciencias sociales, geografía e historia**. Tradução. Lourdes Bigona. Espanha: Nueva fronteras de la Historia, 1997, 09-127.

VÍLCHEZ LÓPEZ, Inmaculada. “**Imagen del poder**” In: TORELLÓ, Juan Carlos Oliver (Org.) **Dibujo y territorio: cartografía, topografía, convenciones gráficas e imagen digital**. Espanha, 2015, p. 217-242.